

Sucessão é assunto político

Haroldo Hollanda

Numa roda de políticos formada ontem à noite no plenário da Câmara, o deputado Amaral Neto, que mesmo antes de 64 se tornou famoso pelas suas ligações políticas com militares, dizia enfaticamente, quando provocado, que não está pregando nem admitindo a possibilidade de um golpe militar no Brasil. "Vocês sabem — frisava ele — que não sou homem de ocultar minhas atitudes políticas. Se estivesse a favor de golpe, eu vinha de público e assumia a responsabilidade". Esclarecendo melhor a sua postura política explicou: "O que eu defendo é a pressão dos ministros militares sobre o Figueiredo para que o meu candidato (Maluf) possa existir". Em outro ponto do Congresso, um senador malufista, que prefere guardar o anonimato, assinalava que os ministros militares, quando se reuniram com o presidente Figueiredo, estavam desempenhando um papel político que lhes cabe perfeitamente exercer, como seus colaboradores políticos. Ainda segundo o parlamentar em questão, os militares tudo farão para que o candidato do PDS seja vitorioso no Colégio Eleitoral, mas faz a ressalva de que não há qualquer ameaça de interrupção do processo político em andamento.

Uma outra visão mais abrangente e mais profunda dos acontecimentos tem o ex-deputado e ex-ministro José Monteiro de Castro, o qual, embora recolhido a sua casa de Minas Gerais, continua sendo considerado pela sua experiência e talento pessoal como um dos melhores analistas políticos deste País. Tendo desempenhado vários mandatos de deputado federal pela extinta UDN e ocupado a chefia do Gabinete Civil do Governo Café Filho, viveu momentos cruciais importantes da recente história política brasileira. Homem culto e sereno na apreciação dos acontecimentos, passando por Brasília, Monteiro de Castro, em conversa informal, faz a advertência de que sucessão presidencial, em qualquer fase da história republicana, sempre correspondeu a períodos de grande turbulência política.

Diz que fazendo uma análise desapassionada da disputa presidencial entre Tancredo Neves e Paulo Maluf, chega à conclusão de que a esta altura dos acontecimentos o ex-governador mineiro leva, segundo sua impressão pessoal, uma boa vantagem sobre seu competidor. Tão boa vantagem que Tancredo pode tranquilamente, segundo seu juízo, submeter-se a pressões, caprichos e desafios do futuro, sem perder o seu equilíbrio.

Quanto à possibilidade de intervenção militar no processo, nela não acredita, a não ser que ocorra um acidente. Acha que as Forças Armadas sempre tiveram uma grande preocupação com a História. O momento presente e o estado de espírito da Nação brasileira não recomendam nem estimulam qualquer tipo de interferência das Forças Armadas na vida política nacional. No entanto, faz a advertência de que esse problema de revanchismo político sensibiliza ao extremo as nossas Forças Armadas e é preciso, segundo sua opinião, remover qualquer tipo de resíduo que venha ainda a sobrepairar nesse sentido.

Não vê perigo de qualquer tipo de aventuras políticas esquerdezantes por parte do ex-governador Tancredo Neves, na hipótese de que venha a ser eleito presidente da República, tendo em vista o seu passado político e o conceito que goza perante a Nação como homem de raízes e convicções profundamente conservadoras. Para alguns elementos de formação liberal, Tancredo seria para o gosto deles um super-conservador.

Como prova da preocupação que os militares brasileiros sempre tiveram com a história, lembra que enviado no dia 31 de março de 64 como emissário do então governador Magalhães Pinto a Juiz de Fora, para falar com o general Mourão Filho, encontrou este relutante e indeciso em ordenar as suas tropas que iniciassem o movimento para deposição do Governo de João Goulart. Mourão relutava em dar o primeiro passo, porque considerou como tímido, na sua linguagem, o manifesto lançado à Nação, naquela oportunidade, pelo Sr. Magalhães Pinto. O Sr. Monteiro de Castro precisou com vários argumentos demover o general Mourão Filho de sua posição inicial, inclusive com a promessa de que Magalhães faria correções no texto original do manifesto. Só assim ele partiu.